



Santa Catarina–Brasil

Um olhar sobre o Espírito Santo em Santa Catarina - o contributo cultural da Diáspora Açoriana -

LÉLIA PEREIRA DA SILVA NUNES

Florianópolis, Santa Catarina

Natural de Tubarão. Vive em Florianópolis, na Ilha de Santa Catarina. Socióloga, pós-graduada em Direito e Mestre em Administração Pública. Professora Adjunto IV da Universidade Federal de Santa Catarina, aposentada.

Superintendente da Fundação Franklin Cascaes (1997–2004), Presidente da Fundação Aníbal Nunes Pires (2004–2009) e Secretária-Geral do Conselho Estadual de Cultura (1999–2002).

Integra a Diretoria e Conselho Científico do Portal das Comunidades Açorianas, o Conselho Superior da Associação Catarinense de Imprensa e da Comissão Nacional de Folclore, a Diretoria da Casa dos Açores/SC. Sócia emérita do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Investigadora da cultura popular de Santa Catarina, nomeadamente nas sobrevivências culturais açorianas desde 1984. Autora de *Caminhos do Divino, um olhar sobre o Espírito Santo em Santa Catarina* (2007 e 2010, 2ªed.), além de biografias, crônicas e ensaios sobre a cultura catarinense de aporte açoriano. Participa em antologias nacionais e portuguesas. Suas referências bibliográficas incluem colaboração em periódicos e jornais brasileiros, açorianos e luso-americanos. Assina o Blogue Comunidades da RTP-Açores (ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades). Obras publicadas: *Zumblick, uma história de vida e de arte* (1993); *Entre Penas e Pincéis, org.* (1998). No prelo *Na esquina das Ilhas com apresentação* prevista para 2010.



Resumo da Comunicação

Tendo por base o estudo realizado em Santa Catarina e que resultou na publicação do livro *Caminhos do Divino – Um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina*, pretende-se mostrar que o culto em louvor ao Espírito Santo, a tradicional celebração vivamente manifestada por todo litoral catarinense, é a maior expressão de transnacionalidade cultural a partir da epopéia açoriana e madeirense do Séc. XVIII para o Sul do Brasil, como caso exemplificativo de um fenômeno social polifacetado. O trabalho oferece alguns exemplos que bem ilustram a variedade das apropriações dos sentidos de pertença a uma mesma herança cultural, através de Celebrações do Espírito Santo Santo, de cunho religioso e popular que, por um alargado olhar transnacional dão conta da riqueza que encerram as Diásporas Culturais. Para além, destaca-se a sua contribuição fundamental na configuração da Identidade cultural nesse espaço de acolhimento que é o estado brasileiro de Santa Catarina.



“E depois as festas do Espírito Santo no Sul do Brasil, e em particular em Santa Catarina, deixam-me sempre a sensação estranha de quem se confronta com uma realidade cultural e religiosa onde ainda é possível reconhecer o “nosso” naquilo que o tempo transformou numa coisa outra que já não nos pertence; é como se de repente descobrisse em corpos estranhos as parcelas de alma que fomos perdendo pelo mundo ou que ao mundo fomos dando a ganhar.”

Urbano Bettencourt
(poeta e ensaísta açoriano)

Portugal viu ao longo dos séculos, partir um contingente humano significativo que se dispersou pelo mundo afora e se fixou para além de seu território. Portugueses que nunca esqueceram a respectiva origem e orgulham-se mesmo da sua partilha cultural comum, que assumem com orgulho e publicamente. Constituiu-se assim uma nação transversal, abstraindo da referência as fronteiras físicas, territoriais. Por outro lado, mantêm a referência aos valores sociais e culturais comuns e receberam uma herança que se mantém fortalecendo os sentidos de pertença, a força da identidade. Um olhar transnacional através de diferentes manifestações culturais, usos e costumes, que o emigrante transportou por baixo da pele ou tatuado no coração, dão conta da riqueza que encerram as diásporas culturais.



Cortejo Imperial, Florianópolis, 2007

A celebração do Espírito Santo em Santa Catarina, no Sul do Brasil, bem ilustra a variedade das apropriações dos sentidos de pertença a uma mesma herança cultural e sua contribuição



fundamental na configuração da identidade cultural. É a maior expressão da transnacionalidade cultural a partir da grande saga dos ilhéus açorianos do século XVIII. Vitorino Nemésio em *Corsário das Ilhas* (1983:p.62) registrou que o açoriano *civilizou largamente as suas ilhas e ainda teve vagares para ajudar a fazer a terra alheia, sobretudo o Brasil e a América*, referindo-se a essa odisséia do século XVIII e à grande corrente da emigração dos séculos posteriores.

Santa Catarina, localiza-se na região Sul do Brasil, um Estado singular por sua diversidade geográfica, econômica e sócio-cultural. Um olhar sobre esses diferentes aspectos revela uma terra de contrastes que abriga, num território de 95.443 km², equivalente a 1,1% do território nacional, uma população de aproximadamente 6 milhões, resultante de um processo histórico de fusão de culturas, de assimilação, de trocas simbólicas que aconteceram ao longo dos séculos. Neste universo de contribuições culturais encontram-se os índios, portugueses, espanhóis, os escravos africanos e os açorianos. A amálgama original deste fundamento étnico e cultural somou-se outras correntes imigratórias européias aqui estabelecidas a partir do século XIX. Nos anos setenta, do século XX, um novo movimento migratório emerge decorrente do processo de globalização e da busca de qualidade de vida numa região que oferece o melhor potencial de investimento do País. Novos migrantes provenientes de países da América Latina e brasileiros de outros Estados, principalmente do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo que de forma significativa tem influenciado na dinâmica do processo cultural local.

Um notável encontro de povos que fez de Santa Catarina um exemplo de diversidade e multiculturalidade, um espaço para vivenciar o pensar plural, de conviver com gente de outras latitudes e geografias. Sobre seus habitantes e sua índole assim se expressou o historiador Paulo José Miguel de Brito, in: *Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina* de 1829, a primeira obra publicada que faz referência a vinda dos açorianos:

O que em geral posso dizer dos habitantes desta Capitania he, que elles são mui fieis ao seu soberano, muito inclinados a todos os actos da nossa Religião, tanto públicos como particulares, às festividades da Igreja, e às procissões, e principalmente às festas do Espírito Santo...Se evidente que o character usos e costumes dos ascendentes, no todo ou em parte, se havião de transmitir aos descendentes dos colonos que forão das Ilhas dos Açores desde 1748 até 1753 (...)

Opinião que seria corroborada, anos mais tarde, pelo escritor desterrense Virgílio Várzea (1863-1941), em sua obra “Santa Catarina – A Ilha“, 1900.

O povo catarinense, descende em sua quase totalidade de ilhéus açorianos e madeirenses, principalmente dos primeiros, de quem herdou o caráter humilde e bom, as excelentes qualidades morais, a índole trabalhadora e paciente, de uma rara tenacidade, afazendo-se facilmente às dificuldades, às privações e agruras do meio conformando-se com tudo, pacífica e resignadamente. (1984:19)

A Provisão Régia de 31 de agosto de 1746 que abriu o alistamento em todas as Ilhas aos “cazaes” que, voluntariamente, quisessem atravessar o oceano e tentar a sorte na América solicitava informações minuciosas sobre a identificação dos candidatos, tais como: nome, naturalidade, idade, a estatura, a cor dos cabelos, da pele e dos olhos, o formato do rosto, do nariz e da boca, tipo de barba, profissão, residência, estado civil. Aos casados juntava-se o nome da mulher, a sua filiação, naturalidade, e idade, e caso tivessem filhos, os nomes, sexo e respectivas datas de nascimento. Dados que permitiram traçar um perfil sociológico e demográfico do homem e da mulher açoriana que se alistaram dispostos a emigrarem trocando de forma corajosa a difícil realidade da vida árdua do Arquipélago rumo a incerteza de uma outra terra que tanto prometia e dela nada sabiam. O movimento migratório do século XVIII (1748-1756) que trouxe para o



Sul do Brasil, aproximadamente seis mil açorianos provenientes das Ilhas de São Jorge, Pico, Faial, Terceira, Graciosa e São Miguel e pouco mais de sessenta madeirenses assentando-os na Ilha de Santa Catarina e ao longo da orla atlântica representou um significativo marco na historiografia social e cultural catarinense. Uma ação ousada e empreendedora do engenheiro militar Brigadeiro José da Silva Paes, primeiro Governador da Capitania de Santa Catarina, que ante os grandes espaços vazios e a escassa população insistiu, veemente, “*ao seu rei que mandasse vir do Arquipélago Açoriano alguns casais de Ilhéus daquela gente inigualável para a missão de radicar nas terras novas a consciência lidamente portuguesa que elas exigiam*”, no relato de Borges Fortes em “Casas” (p.21, 1932). Pode-se entender a importância desta maciça entrada de pessoas que efetivou a ocupação da Ilha de Santa Catarina e quadruplicou a escassa população que, à época, não passava de algumas centenas de habitantes. Um contingente humano expressivo que não apenas causou grande impacto demográfico, como fortaleceu a política do *utis possidetis*, dilatando fronteiras e assegurando a posse do território disputado por Portugal e Espanha. A grande andança açoriana por terras do Sul do Brasil e Uruguai representa mais do que um movimento geográfico, significa um movimento do espírito, indomável, na reinvenção da vida no Novo Mundo. Do lado de lá, o desenraizamento da terra açoriana fincada no Atlântico Norte e na margem de cá a nova raiz plantada e replantada, enraizada para sempre. Uma história social ímpar cujo legado venceu o tempo, perpassou gerações e hoje retrata a alma, o sentir, o fazer, o imaginário de nossa gente. Um patrimônio genético e afetivo expresso e retratado por traços sobreviventes de uma longínqua matriz açoriana, perdida no tempo, sem qualquer registro que não o da tradição oral.



Foliões, Garopaba, 2008

Nas palavras do primeiro historiador catarinense, Manoel Joaquim de Almeida Coelho, em sua obra “*Memória Histórica da Província de Santa Catarina,*” publicada em 1853 e reeditada em 1877, pode-se avaliar a extensão da contribuição dos povoadores açorianos e a importância do papel desempenhado no nosso desenvolvimento:

Desde a chegada desses colonos, começou a Ilha a florescer em habitantes, em agricultura e mesmo em indústria manufatureira, apesar de terem sido cumpridas as recomendações do governo de Portugal, assim a respeito da repartição das terras, como do tratamento prescrito nas Provisões do Conselho Ultramarino, resultando daí abandonarem alguns colonos o país, e outros arrenderem-se de ter vindo;(…)

E acrescenta ainda Almeida Coelho:



Foi com a distribuição desses colonos prestimosos e interessantes pela Ilha, e alguns lugares da terra firme, que se formaram as melhores povoações, hoje convertidas em cidades, vilas e freguesias; podendo dizer-se, sem risco de erro, que poucas são as atuais famílias catarinenses que deles não descendam.

As mundividências de uma açorianidade sobrevivente tem no culto e na festa em louvor ao Divino Espírito Santo a sua maior manifestação. Sua intensa comemoração em todo o litoral de Santa Catarina alimenta uma tradição secular que, mesmo modificada no decurso do tempo, se faz sentir em toda plenitude desde os municípios de Penha e Barra Velha, no litoral norte, até Jaguaruna e Sombrio no extremo sul de Santa Catarina, abrangendo cerca de cinquenta localidades. Na Ilha de Santa Catarina ocorre a Festa do Divino Espírito Santo no distrito sede, Florianópolis, na Capela do Espírito Santo e em catorze distritos e bairros a saber: Trindade, Santo Antônio de Lisboa, Monte Verde, Canasvieiras, São João do Rio Vermelho, Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição, Prainha, Ribeirão da Ilha, Campeche, Cachoeira do Rio Tavares, Armação, Pântano do Sul, e no bairro do Estreito, na parte continental.

Há em cada uma das localidades catarinenses características particulares seja na celebração de solenes rituais religiosos seja na realização de grandes festejos populares de caráter profano ao Espírito Santo. No entanto, são iguais na sua essência, no seu aspecto nuclear, na sua simbologia e na finalidade. A Festa, revela práticas coletivas de conteúdo simbólico e subjetivo num ritual longo e pomposo. Apresenta partes bem definidas e articuladas entre si, a saber: conjunto de cerimônias religiosas – novenas, tríduos, missa solene com coroação, entoação do hino *Veni, Creator Spiritus* e bênçãos; ritos sacro-profanos - procissão do cortejo imperial e foliões; folguedos populares - apresentação de bandas, shows musicais, bailes, barraquinhas, bingos, leilões e “foguatório” (show pirotécnico) e o “correr” da Bandeira do Divino no período que antecede à Festa e sua presença em todas as cerimônias - destacando-se com uma referência simbólica e emblemática, manifestamente reconhecida pelo povo que a reverencia com respeito.

É o Ciclo do Divino que se inicia no domingo de Pentecoste, cinquenta

Localidades de Florianópolis que realizam a Festa do Divino Espírito Santo.





dias após a Páscoa, nos meses de maio e junho e que em alguns municípios se prolonga até o mês de novembro como ocorre em Imbituba, no distrito de Mirim, em conjunto com a festa da padroeira Sant`Ana desde 1856, quando foi elevada à categoria de Paróquia. Uma memória viva que faz desaparecer as marcas do tempo, as distantes geografias, ficando em sintonia absoluta, apenas o sentimento de pertença: nossa cultura ancestral que chegou pelos caminhos de mar.

Não se pode falar sobre o Culto ao Divino Espírito Santo sem que se mencione o papel desempenhado pelas Irmandades na sobrevivência dessa tradicional devoção. Há registros documentais eclesiásticos, datados de 1811 e 1815, que reconhecem a existência da Irmandade do Espírito Santo nas freguesias de Nossa Senhora do Desterro, São José da Terra Firme, Vila Nova de Sant`Anna e na Vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Vinculadas ao calendário litúrgico da Igreja Católica, as Festas do Espírito Santo apresentam uma certa autonomia tanto na sua organização quanto na realização onde existem as Irmandades. No entanto, nas localidades onde não hajam Irmandades do Espírito Santo, a ação da Igreja, por intermédio dos párocos e padres, é sentida fortemente no controle e na interferência direta na organização, no ritual e na programação dos festejos.

Com o passar dos anos, a pompa e a intensidade da celebração da Festa sofreram mudanças motivadas por fatores religiosos e sócio-econômicos. A tradição adentra o século XXI, em algumas localidades, enfraquecida, especialmente no que tange a realização de festas populares junto aos atos litúrgicos. Pois, em muitos lugares os folguedos prevaleciam sobre as cerimônias de caráter religioso. Tanto é verdade que, em 1905, Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo de Curitiba com jurisdição sobre a Província de Santa Catarina, em visita Pastoral ao Estado, se pronunciou sobre a necessidade da extinção da festa em decorrência dos folguedos profanos, especialmente das folias, que nada tinham de sagrado. A população, não só de Desterro como também das outras localidades do litoral catarinense, se revoltaram e não aceitaram a interferência do Bispo e a Festa continuou sendo realizada. Anos mais tarde, nova proibição e intromissão direta da Igreja na celebração das tradições populares do Espírito Santo





causaram grande indignação na coletividade. Dessa feita, a ordem partiu de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo Diocesano de Florianópolis, que proibiu o peditório da Bandeira. Ainda que em muitos municípios a ordem fosse ignorada, sem dúvida essa proibição contribuiu para diminuir a intensidade do festejo. Outras proibições e restrições aconteceram ao longo dos anos. Todavia, a festa não desapareceu e continuou sendo realizada, mantendo-se incólumes os seus ritos tradicionais, apresentando em sua programação o conjunto de cerimônias religiosas, os ritos sacro-profanos e os folguedos populares com bingos, barraquinhas, leilões, músicas e foguetório.

Pelo Estado afora, nas bordas do Atlântico e, sobretudo, na Grande Florianópolis é intensa a participação das famílias, das empresas, do comércio em geral, da administração municipal, do governo estadual, dos colégios enfim, de toda a comunidade. As mais antigas referências sobre a existência da Irmandade e a celebração da festa em Florianópolis datam de 1773, ano da instituição da Irmandade do Divino Espírito Santo da Paróquia Nossa Senhora do Desterro e de 1776 ano da realização da primeira Festa do Espírito Santo. Somente em 1806 aconteceu a primeira Festa com Coroação, sendo o primeiro Imperador o açoriano Capitão Manoel Francisco da Costa. Na Ilha-Capital, atualmente, registra-se a presença de três Irmandades do Divino Espírito Santo: a da Capela do Divino Espírito Santo, na região central, da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, a da Paróquia Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha e da Capela de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa.

Uma breve leitura das citações literárias e notas publicadas em jornais do século XIX até os dias de hoje comprovam a importância social e religiosa da Festa do Divino Espírito Santo para a comunidade de Florianópolis. O historiador Osvaldo Rodrigues Cabral em “Nossa Senhora do Desterro – Memória I”, p.262, publicada em 1972 afirma:

era a tradição açoriana que aqui se mantinha na quase totalidade sua pureza. A festa do Espírito Santo requeria barulho, foguete, música, canto, alegria, muita comida (nos Açores chama-se o bodo) e alguma bebida, muita confraternização para qual, na sua origem, foi instituída. Festa popular por excelência.

A propósito da realização da festa e do sucesso esperado, o Jornal Santelmo, dirigido por J.J.Lopes noticia na edição de 23 de maio de 1858, (idem Cabral.O.R.1972:265):



Corte Imperial, 1916 – Florianópolis, centro

Espírito Santo – Ante-ontem começaram as Novenas do Divino Espírito Santo, com toda a pompa e grandeza; e não podia deixar de suceder assim, porque o Imperador além de ser homem que tem patacos grossos, tem bom gosto; é brioso e nada mesquinho; portanto, teremos moscas por cordas e mosquitos por arame.(...) Um filho de S.Excia. o sr. João José Coutinho (era o



Presidente da Província) é o que faz as vezes de Imperador e a Casa da Residência do sr. Juiz de Direito desta Comarca, próxima a Matriz é a destinada à festança.

Do do escritor o ilhéu Virgílio Várzea, no memorável “Santa Catarina – A Ilha” (p.73), encontra-se esta descrição:

O povo se reúne (...) por três dias, findos os quais tem lugar um belo fogo de vista, composto invariavelmente das velhas peças conhecidas: um navio dando combate as duas fortalezas, o amolador, o casal de valsistas e o antigo e velado painel transparente, onde, no fim de tudo, por uma mutação repentina, surge o símbolo do Divino numa auréola flamejante.

A festa realizada no centro de Florianópolis passou por um período de declínio e já se previa o seu fim iminente. Por treze anos os festejos populares deixaram de ser realizados e a festa se restringia a missa solene de Pentecoste, de acordo com o Termo de Compromisso e estatuto da Irmandade. Mas a festa não acabou. No ano de 1996, a celebração voltou com toda força da tradição e com a efetiva adesão da população de Florianópolis. A cidade se mobilizou, revelando um sentido de união muito forte e a certeza que a Festa retornava para ficar. Aldírio Simões, jornalista, publica na sua coluna “Fala Mané”, no Jornal A Notícia, no A.N.Capital, na edição de 24 de maio de 1996, ele que era um defensor ferrenho da cultura da Ilha, o testemunho da sua alegria na crônica “A Festa do Divino”.

Quermesses com barraquinhas, oferecimentos musicais e o espoucar de foguetes sempre foram um forte atrativo para o povo de Florianópolis (...). Para resgatar todo o estefolclore com a cara da ilha, assim como o forte referencial religioso, a cidade conta com o retorno da tradicional Festa do Divino Espírito Santo na Praça Getúlio Vargas, aberta ontem à noite, depois de uma inatividade de 13 anos. (...) Vejo o retorno da Festa do Divino, na chamada praça dos Bombeiros, com os olhos de menino, assim como muita gente de minha época, tenho certeza.

Da mesma forma, o cronista Sérgio da Costa Ramos em sua coluna no Diário Catarinense, na edição de 28 de maio de 1996, na deliciosa crônica “Barraquinha do Divino” também expressa a sua satisfação pela tradição revivida:

(...)Toda essa festa acaba de ser revivida, o que é digno de sincero regozijo. Ressuscitaram, também, as Barraquinhas do Divino, forma adaptada do ‘leilão de prendas’ de que nos fala a tradição. Aleluia. As ‘barraquinhas’ do Divino, ali, na Praça Getúlio Vargas, junto à Igreja do Espírito Santo, fazem parte do meu mais caro e prezado ‘pout-pourri’ de lembranças infanto-juvenis. (...)

Constata-se que no passado, como no presente, as Festas do Divino Espírito Santo promovidas pela Irmandade caracterizam-se pelos solenes ri-





Em cima: Pântano do Sul, 2002. Cortejo Imperial, São João do Rio Vermelho, 2009. (página anterior)

tuais religiosos e grandes folguedos populares que movimentavam toda a Vila de Desterro e vizinhança como hoje movimentam Florianópolis seus bairros e distritos.

No bairro da Trindade, por exemplo, a festa causava verdadeira agitação em toda Desterro. E ainda causa com muitos dias a celebrar o Espírito Santo e a Santíssima Trindade. O bairro que um dia se chamou Freguesia da Santíssima Trindade de Trás do Morro e que foi ocupada pelos primeiros casais açorianos chegados no século XVIII, entre os quais estavam Antônio Machado Borba, João Pacheco, Manuel Mendes e Pedro de Souza, conta-nos o historiador WF. Piazza em “*Epopéia açórico-madeirense, 1748-1756*” (1999:317).

Cruz e Sousa (1861-1898), o príncipe negro da poesia simbolista no Brasil, em suas raras prosas escreveu sobre a Festa e o frenesi que gerava no artigo publicado no *Regeneração*, edição de 5 de junho de 1887, com o título de “Romaria da Trindade”, descreve o poeta :

...A seu tempo, os sinos bimbahantes vibram no ar, abrindo naquela atmosfera de festa e de rumor, um vivo clarão de alegria, e os foguetes estourantes e estrepidosos, com a marcha brava e pomposa da música, põem em tudo aquilo espalhafatosos e murmúrios, como o eterno zumbir de cem colméias trabalhadoras e amigas. Então, numa gala púrpura e de arminho, saem da igreja, S.M. infantis e ingênuas, num sorriso feliz de crianças festejadas, comendo balas ou as massas, em forma de boizinhos e bonecas, que a boa mamãe ou o festeiro lhes trouxera todo expansivo e contente. (...)

No bucólico distrito do Ribeirão da Ilha, que reúne um dos mais importantes conjuntos históricos de Florianópolis, o núcleo populacional surgiu em meados do século XVIII a partir do assentamento de casais açorianos na região, chefiados pelo Capitão Manoel Vargas Rodrigues que erigiu em 1760 uma pequena capela abrigando a imagem de Nossa Senhora da Lapa. Anos mais tarde, é edificada na praça central da freguesia, com pedra, cal, e óleo de baleia, a Igreja Nossa Senhora da Lapa, elevada à categoria de Paróquia em 1809. Ao lado da Igreja Matriz, na mesma época de sua edificação, foi construído o Império do Divino Espírito Santo, uma arquitetura singular que conserva ainda hoje o traçado original. Ali, no Ribeirão da Ilha, desde



o século XIX, se realiza uma das mais bonitas Festas do Divino Espírito Santo do município de Florianópolis.

No ano de 1959, o pesquisador e etnógrafo Prof^o. Franklin J. Cascaes escreveu no Jornal A Gazeta, de Florianópolis, diversos artigos, reunidos nas colunas “Folclore da Ilha de Santa Catarina” e “Folclore Catarinense”. Com o título de *Festas Religiosas de Antanho: o Divino no Ribeirão da Ilha e Festa do Divino em Ribeirão da Ilha de Santa Catarina* relatando, com grande riqueza de detalhes a organização da festa e o festejo propriamente dito nos anos de “antanho” e no tempo dessa publicação. Muito do que relata o ilustre pesquisador ainda é observável na Festa de agora.

Anotou Cascaes: “O imperador entrega o Cetro para o Imperador-Mirim e a Espada para a Imperatriz- Mirim e coloca a Salva com a Coroa sobre o altar entre flôres e velas acesas. Ambas as crianças usam roupas reais. Os fiéis ostentando suas promessas, se ajoelham em frente ao menino Imperador, beijam o Cetro e depositam suas oferendas no Altar ao pé da coroa, ainda beijam as duas bandeiras. Na praça fronteira à Igreja e ao Império, que se acha soberbamente ornamentada, as arrematações são das promessas que o Divino recebeu no Império, e consiste em cabeças, pés, mãos, pernas, braços, corpo, etc., de massa, e também, de ovos, aves, animais, frutas, objetos apreçados por leiloeiros afamados do lugar, sempre com muito humorismo. (...)”

As transformações decorrentes da dinâmica cultural, da crescente urbanização, das influências externas à comunidade não provocaram, neste correr dos anos, alterações substanciais na forma de se celebrar o Espírito Santo no Ribeirão da Ilha. Sua Festa, nos dias atuais, revela a existência de práticas coletivas de se comemorar o Divino que nos remetem de forma indelével à tradição açoriana ainda sobrevivente e que a caracteriza como uma das mais autênticas do município de Florianópolis.

No continente, na Grande Florianópolis, a peculiaridade de uma Festa do Divino Espírito Santo conhecida pela suntuosidade dos trajes e pelos festejos populares que movimentam todos os municípios da região merece que seja mencionada. Falo do município de Santo Amaro da Imperatriz que traz no nome o complemento “Imperatriz”, alusivo a visita do Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Thereza Christina àquela estância hidromineral em outubro de 1845. Santo Amaro une o fato histórico da inesquecível visita imperial aos festejos religiosos e profanos em louvor ao Espírito Santo. A Corte Imperial apresenta-se em trajes criados com requinte e beleza. A vestimenta de toda a Corte é fruto de pesquisa histórica, da memória coletiva que ainda retém a lembrança da visita de S.S. Majestades Imperiais e da tradição dos reis de Alenquer Isabel e Dinis. Toda esta “pompa e circunstância” transformaram Santo Amaro da Imperatriz num grande pólo produtor de trajes, adereços e ornamentos da Festa do Divino. E, em consequência, ali se estabeleceu um variado comércio de venda e aluguel de trajes e alfaias do Espírito Santo, concentrando uma mão-de-obra especializada e abastecendo todo o litoral catarinense.

A Festa de Santo Amaro da Imperatriz na sua essencialidade mantém os usos e os saberes introduzidos na primeira cele-



Santo Amaro da Imperatriz.
Entrega da coroa para coroação, 2003



bração em 29 de maio de 1854 quando o bisavô da minha avó paterna, Major João Alexandre de Campos realizou a primeira Festa do Divino respeitando uma tradição existente na região do vale do Rio Cubatão onde de 1753 a 1806 foram assentados “*casas açorianas*” vindos da Ilha de Santa Catarina e da freguesia de São José da Terra Firme. Desde a véspera da Festa quando o Prefeito Municipal entrega a chave da Prefeitura ao Casal Imperador, instalando o Império do Divino até a segunda-feira do Espírito Santo ou dia do “Enterro dos Ossos”, feriado municipal, quando termina a festa e marca o início de um novo ciclo do Divino, a cidade vive intensamente os festejos em louvor ao Espírito Santo.

O mesmo clima de devoção e de comunhão fraterna se reproduz por todo litoral catarinense e na capital Florianópolis. É a grande Festa da partilha, do espírito solidário, da comunhão, da liberdade e da alegria. Uma tradição abençoada com 262 anos, que chegou com os açorianos na grande diáspora do século XVIII e continua muito viva. Tão viva e enraizada via cultural e os anos de celebração no espaço de acolhimento no Sul do Brasil que está salvaguardada pela força da Lei em alguns municípios.

É o caso do município de Jaguaruna que no Capítulo VIII, Seção II, Art. 3200 da sua Lei Orgânica, promulgada em 1990, dispõe que a Festa do Divino Espírito Santo integra o patrimônio cultural do Município e do município de Florianópolis que instituiu a quarta-feira anterior ao domingo de Pentecostes como o Dia Municipal de Abertura Oficial das Festividades do Divino Espírito Santo, conforme determina a Lei 8010 de 21 de outubro de 2009. A criação deste dia pela Câmara Municipal de Florianópolis está plenamente justificada na tradição secular de celebrar a Festa do Divino Espírito Santo e que se reproduz por toda Ilha de Santa Catarina e na estreita faixa de terra continental que integra o território físico do município. Um território abençoado por uma natureza privilegiada, que tem o mar como fronteira maior e que é referência de identidade insular. Assim sendo, no dia 19 de maio, uma quarta-feira, aconteceu a abertura oficial das festividades do Espírito Santo com solenidade pública realizada na Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes. A partir deste dia está instaurado o Império do Divino e sua bandeira ficará hasteada até setembro de 2010, data em que se realiza a última Festa do Espírito Santo do município, no distrito de Canasvieiras, no norte da Ilha de Santa Catarina.



Jaguaruna, 2004, Cortejo Imperial no quadro de varas a caminho da Igreja



Domingo de Pentecoste, 23 de maio de 2010, na Capela do Divino Espírito Santo, área central de Florianópolis, na Ilha de Santa Catarina, nem a chuva forte que se abateu sobre Florianópolis, nem o frio, que chegou de surpresa acompanhado de um cortante vento sul, nem o mar agitado com suas ondas gigantescas que avançaram com fúria ilha adentro destruindo a orla e derrubando casas e muros, tiraram o entusiasmo ou empanaram o brilho da tradição secular.

A reza da novena, a investidura dos novos Irmãos, a bênção das massas sovadas ou “pão de promessa” na forma de membros do corpo que motivou o voto e dos “pãezinhos do Espírito Santo”, ornados com os dons e qualidades do Divino, a celebração da Missa, os foliões e as coloridas barraquinhas na Praça completam o cenário da festa.

A alvorada de foguetes na manhã de domingo de Pentecostes, saúda a grande celebração. De manhã, o cortejo imperial sai da Catedral Metropolitana, tendo à frente as Bandeiras do Divino, os Imperadores e sua corte, formada por crianças e jovens dos Programas Sociais mantidos pela Irmandade, o Casal Festeiro levando as insígnias (ela a coroa e ele o cetro), o Provedor, autoridades, sacerdotes e Irmãos que ao som dos trinados da Banda de Amor à Arte se dirigem ao local onde será oficiada a Missa Campal de Pentecostes e a coroação do jovem Imperador. O apagar das luzes da Praça, o fechar das barraquinhas, o silêncio da noite encerram mais uma Festa do Divino, sempre com sabor de saudade de um tempo que está guardado na memória de nossa gente.

Há que se considerar que a cada ano a Festa ganha em grandiosidade, na suntuosidade, na dimensão e em projeção na região da Grande Florianópolis e para além. Ganhou, com certeza,



Corte Imperial, Provedor, Casal Festeiro. Florianópolis, 2010

no maior conagraçamento das famílias, na imensa participação popular marcada pela emoção e pela fé, intensificando a vivência da religiosidade, a propagação do culto ao Espírito Santo e mantendo viva a tradição de muitas gerações. As crenças e a devoção ao Divino persistem no beijo contrito ao estandarte vermelho e na pomba do Divino que encima seu mastro, no corte de suas fitas guardadas como um relicário e depósito de toda a esperança de alcançar a graça do



Espírito Santo e a bênção de seus dons. Crenças que atravessaram o tempo e gerações e que se mantém vivas dentro do mesmo espírito de partilha e fé.

A expansão da Festa do Divino Espírito Santo em Florianópolis serviu de exemplo para outras comunidades da Ilha e do continente que passaram a dar mais atenção à organização do festejo e buscaram nova motivação e criatividade, salvaguardando a sua memória cultural e evitando que enfraqueça a sua manifestação.

Quando chega o tempo de Pentecostes, a pombinha do Divino Espírito Santo, “*asperge pela praça poções mágicas de paz e de saudade, sobrevoando a mais doce memória da cidade e abrindo as asas para o futuro, que, afinal, ao Divino pertence*” afaça em doce prosa o escritor Sergio da Costa Ramos.

Por todo estado de Santa Catarina, a cada ano, na Missa de transmissão da Coroa do Divino ao novo Casal Festeiro assiste-se a renovação de um compromisso firmado perante toda a comunidade. São os Caminhos do Divino abertos por naus açorianas ou baleeiras aladas no distante século XVIII. Trilhá-los é reacender junto ao espelho da memória coletiva parte de um caminho do passado, imagens de realidades de agora, ancoradas nos valores culturais e na religiosidade telúrica que entre signos sagrados e profanos, emerge com a força de resistência nascida da alma coletiva ou, intencionalmente, inserida e que, mesmo assim, tem sua relevância na busca de preservar para o Futuro.

Viva o Senhor Espírito Santo!

Referências Bibliográficas:

O trabalho está fundamentado no livro e minha autoria; “*Caminhos do Divino- Um Olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina*”, Florianópolis: Insular, 2007.208p.:il.

Para além foram citadas as seguintes obras:

ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPLIS (1997). *Anuário*. Cúria Metropolitana. Florianópolis.

BORGES FORTES, João (1932). *Casaes*, Porto Alegre, ed. Centenário Farroupilha.

BRITTO, Paulo Jozé Miguel de (1932). *Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Academia Real de Ciências, Lisboa, 1829. Reimpressa pela Sociedade Literária Biblioteca Catarinense, Florianópolis. 72-75.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. (1950). *Os Açorianos – separata do Volume II dos Anais do I Congresso de História Catarinense 1948 – Florianópolis*, IOESC.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. (1970) *História de Santa Catarina* Florianópolis: Editora Laudes 2ª ed., 1970.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. (1972), *Nossa Senhora do Desterro: memória I*. Florianópolis UFSC.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. (1972), *Nossa Senhora do Desterro: notícia II*. Florianópolis UFSC

CASCAES, Franklin J.(1959). *Festa do Divino Espírito Santo em Ribeirão da Ilha* Parte I, Folclore Catarinense, In: *Jornal A GAZETA*, nº.7152, Florianópolis, ed.10 de janeiro.

CASCAES, Franklin J.(1959). *Festa do Divino Espírito Santo em Ribeirão da Ilha*, parte II Folclore Catarinense, In: *Jornal A GAZETA*, nº 7153, Florianópolis, ed.11 de janeiro.

CASCAES, Franklin J.(1959). *Festa do Divino Espírito Santo em Ribeirão da Ilha de Santa Catarina*, parte III. *Folclore Catarinense*, In: *Jornal A GAZETA*, nº.7156, Florianópolis, ed.15 de janeiro

CASCAES, Franklin J.(1959). *Festas Religiosas de antanho: O Divino no Ribeirão da Ilha*, parte II, *Folclore da Ilha de Santa Catarina*. In: *Jornal A GAZETA*, Florianópolis, ed.8 de julho.

COELHO, Manoel Joaquim de Almeida (1877). *Memória Histórica da Província de Santa Catarina*. 2ª. ed. Florianópolis Tip.J.J.Lopes, 204 pag.



- FONTES, Henrique da Silva (1932). *Discurso de Provedor*. IDES, mimeo. 7 de julho, Florianópolis
- HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (1984). *A invenção das Tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- IRMANDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO (1938). *Termo de Compromisso* Florianópolis: IOESC.
- IRMANDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO (1975). *Estatuto da Irmandade do Divino Espírito Santo*. Diário Oficial, Florianópolis; IOESC, 18 de janeiro. p.9.
- NEMÉSIO Vitorino. *Mau Tempo no Canal* (1986), Org. David Mourão-Ferreira. Lisboa, Série Romances Portugueses – Obras Primas do Século XX, Círculo de Leitores
- PIAZZA, Walter Fernando (1955). *Açorianos em Santa Catarina* -. Freguesia de Nossa do Rosário de Enseada de Brito, São Paulo, Revista Genealógica Latina, 7:75-90.
- PIAZZA, Walter Fernando (1983). *Santa Catarina: Sua História*. Florianópolis Editora da UFSC/LUNARDELLI.
- PIAZZA, Walter Fernando (1992). *A epopéia açórico – madeirense 1747-1756*. Florianópolis: Ed. UFSC, Ed. Lunardelli
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS (2000). *AGENDA 21 Local do Município de Florianópolis: Meio Ambiente Quem faz é a Gente*. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis.
- RAMOS, Sérgio da Costa (1996). *Barraquinha do Divino*. In: *Jornal Diário Catarinense*, edição de 28 de maio. Florianópolis.
- RAMOS, Sérgio da Costa (1998). *Divina Tradição*. In: *Jornal Diário Catarinense*, edição de 28 de maio. Florianópolis.
- RAMOS, Sérgio da Costa (2003). *Barraquinhas*. In: *Jornal Diário Catarinense*, edição de 31 de maio. Florianópolis.
- RAMOS, Sérgio da Costa (2005). *Vôo da Pombinha*. In: *Jornal Diário Catarinense*, edição 7074, de 27 de agosto. Florianópolis.
- REIS, José Mendes da Costa (1845). *Vivaó SS. Magestades Imperiaes Cidade do Desterro*, 5 de novembro. Typ. Provincial.
- REIS, Agostinho José Mendes dos (1979). *Documentação sobre a visita em 1811 do representante do Bispo do Rio de Janeiro*. Revista do IHGSC, 3ª. fase, n.1, 1º. sem. Florianópolis: IOESC, 1979. p.91-99
- SIMÕES, Aldírio. (1996) *A Festa do Divino*. In: *Fala Mané – AN Capital* – , *Jornal A Notícia*, edição de 24 de maio. Joinville
- SIMÕES, Aldírio. (1999). *Festa do Divino*. In: *Fala Mané – AN Capital* *Jornal A Notícia*, edição de 7 de setembro. Joinville
- SIMÕES, Aldírio. (2003). *Festa do Divino*. In: *Fala Mané – AN Capital* *Jornal A Notícia*, edição de 25 de maio. Joinville
- SOARES, I. & NUNES, Z.G. (1998) *Cruz e Sousa, Dispersos Poesia & Prosas*. São Paulo, UNESP
- VÁRZEA, Vírgilio. (1984), *Santa Catarina – A Ilha*. (1900) Florianópolis: IOESC

Créditos fotográficos:

Mapas – George Peixoto
Cortejo Imperial 2007 – Clarice Pereira Nunes
Corte de 1916 – Acervo da família Aderbal Ramos da Silva
Festa do Rio Vermelho – Marta Teixeira
Santo Amaro – Luciano Vicente
Jaguaruna – Ênio Reinaldo
Florianópolis – Jair Cepa
Outras – da autora